
Apresentação

A Revista Eletrônica Literatura e Autoritarismo, ao disponibilizar a sua edição de número 22 no ano em que completa uma década ininterrupta de ensaios científicos na área dos estudos literários, apresenta a sua identidade visual para compor as capas dos seus números regulares. A imagem de um livro em chamas – que remete ao logotipo do Grupo de Pesquisa CNPq Literatura e Autoritarismo – pretende enfatizar o elemento crítico contra a opressão, a violência e o preconceito em suas mais variadas formas quando nos remete para o alerta do poeta Heinrich Heine de que “Onde se queimam livros, acaba-se também queimando pessoas”. O título atribuído a esta edição, referente ao segundo semestre de 2013, “Ideologia, violência e mito na literatura”, integra-se à imagem para que o leitor possa antecipar essa preocupação engajada que a revista eletrônica oportuniza desde o ano de 2003, quando dos seus primeiros números.

Assim, a presente publicação conta com nove artigos que discutem desde aspectos teóricos atinentes às relações entre literatura, sociedade e teoria crítica, até ensaios que buscam revisar obras literárias que dizem respeito aos contextos europeu e latino americano caracterizados pela violência em sua constituição. O primeiro artigo intitulado “(Im) possível experiência: literatura e alteridade, teoria crítica e ficção científica” é de autoria de Diogo César Nunes. O autor trabalha com o conceito de “experiência”, tal como concebido pelos críticos frankfurtianos, e procura verificar como a literatura pode forjar situações através da alteridade e da diferença para que se possa atingir a dimensão e o sentido do termo.

O segundo artigo, “Totalitarismo e cosmovisão: fechamentos da bíos”, é de Helano Jader C. Ribeiro. Nesse texto, o autor discute o conceito de “visão de mundo” e procura verificar a forma como tal expressão foi apropriada pelo discurso nazista para forjar ideologias que se colocaram contra grupos considerados à margem e deslegitimados socialmente. Assim como o pensamento foi modificado a partir da manipulação do conceito em questão, a própria forma de se conceber o corpo foi alterada, culminando na permissibilidade de práticas violentas.

Os outros quatro artigos voltam a sua atenção para temas da literatura europeia e sua relação com o contexto totalitário. O ensaio de Lucas Amaral de Oliveira, “Notas críticas sobre uma trajetória adversa: uma viagem de Turim a Auschwitz”, centra a sua atenção na trajetória de vida de Primo Levi. Inicialmente, o articulista faz um detalhado estudo da vida do autor; em seguida, realiza uma avaliação sobre a condição humana nos campos de concentração. A questão que se coloca é: como os testemunhos de Levi ajudam na superação dos traumas vividos nos campos de concentração?

Ainda dedicando atenção ao tema do holocausto, tem-se o artigo de Rosani Ketzer Umbach e Carla Carine Gerhardt intitulado “Uma leitura de ‘Maus: a história de um sobrevivente’”. A partir do romance gráfico de Art Spiegelman, as autoras buscam investigar

como a história em quadrinhos alcança um efeito distinto de outros gêneros e como as imagens ajudam a entender alguns aspectos explorados no ensaio: o antropomorfismo e a multimodalidade. Afora isso, o artigo busca se deter em tópicos como a memória, o testemunho e a narração da história. Nesse artigo, Umbach e Gerhardt procuram avaliar a narrativa como fonte de compreensão do passado e da própria vítima.

A importância que a narrativa assume para a superação do trauma é assunto do artigo de Vanderléia de Andrade Haiski intitulado “Sobrevivente, ouvinte e a tentativa de superação do trauma: os personagens Sol Nazerman e Marilyn Birchfield no romance ‘The Pawnbroker’, de Edward Lewis Wallant”. Nesse estudo, a autora discute o trauma vivido por um ex-prisioneiro de um campo de concentração, Sol Nazerman, e a passagem do silêncio para a externalização de sua dor quando estimulado por Marilyn Birchfield. Assim, segundo a autora, a superação ou, pelo menos, o alívio da carga traumática só se faz de maneira mais eficaz e completa se há uma vítima disposta a narrar o seu passado e um ouvinte atento a essa narrativa.

A importância do outro na compreensão da realidade histórica e social de um espaço marcado pela violência é tema do artigo de Dionei Mathias intitulado “Responsabilidade política e a visão do outro em ‘Anderswo unterwegs’, um conto de Aysel Özakin”. A partir desse conto, que pode ser traduzido como “Em outro lugar, a caminho”, Mathias estuda a inserção do sujeito no espaço da pátria, do exílio e da sua própria intimidade. Essas três dimensões estariam vinculadas entre si e seria a partir da mudança do olhar do sujeito, por meio do diálogo, que se reformulariam novas visões do mundo a sua volta.

Os três últimos artigos dedicam atenção a questões atinentes à violência na América Latina. Juliana Terra Morosino e João Luis Pereira Ourique, no artigo “O Paraguai de meados do século XX e as feridas da violência na narrativa curta de Augusto Roa Bastos”, analisam a obra “El trueno entre las hojas” (1953), de Augusto Roa Bastos. Como o próprio título do ensaio sugere, os autores discutem a violência que caracterizou o Paraguai e a constituição dos sujeitos em meio a um clima autoritário. Em sua essência, o texto busca demonstrar que a literatura de Roa Bastos é um importante instrumento contra o autoritarismo e a violência de seu país.

Ana Paula Cantarelli e Erivelton Franco de Lima, no artigo “Em busca de uma ideologia para a revolução mexicana”, procuram averiguar a existência ou não de uma ideologia manifesta na estrutura da revolução do México ocorrida em 1910 e 1920, considerando, para tanto, a obra de Juan Rulfo, “Pedro Páramo” (1955). Para tal averiguação, os articulistas partem das ideias distintas dadas pelos estudos de Octavio Paz e Arnaldo Córdova.

Por fim, tem-se o artigo de Antonio Roberto Fernandes do Nascimento e José Carlos Redson intitulado “Uma identidade mascarada: a quebra de fronteiras realidade/ficção na obra ‘Em liberdade’, de Silviano Santiago”. A partir do romance do autor brasileiro, os articulistas buscam entender a situação do indivíduo dentro desse espaço concebido como pós-modernidade em que as identidades são móveis e em confronto com perspectivas contraditórias tais como ficção e realidade, liberdade e cerceamento, vida e arte.

Gostaríamos, por fim, de agradecer a cada um dos autores por terem disponibilizado seus artigos para que este número da Revista Literatura e Autoritarismo viesse a público e mantivesse a sua periodicidade ininterrupta. Acreditamos que reflexões tais como as pro-

postas por esta Revista ajudam a manter vivos debates pertinentes sobre culturas marcadas por opressão, para que se possa projetar um futuro novo, mais ético e democrático.

João Luis Pereira Ourique
Lizandro Carlos Calegari
Rosani Ketzer Umbach

(Organizadores)